

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ELZITA DE MORAES BERARDI

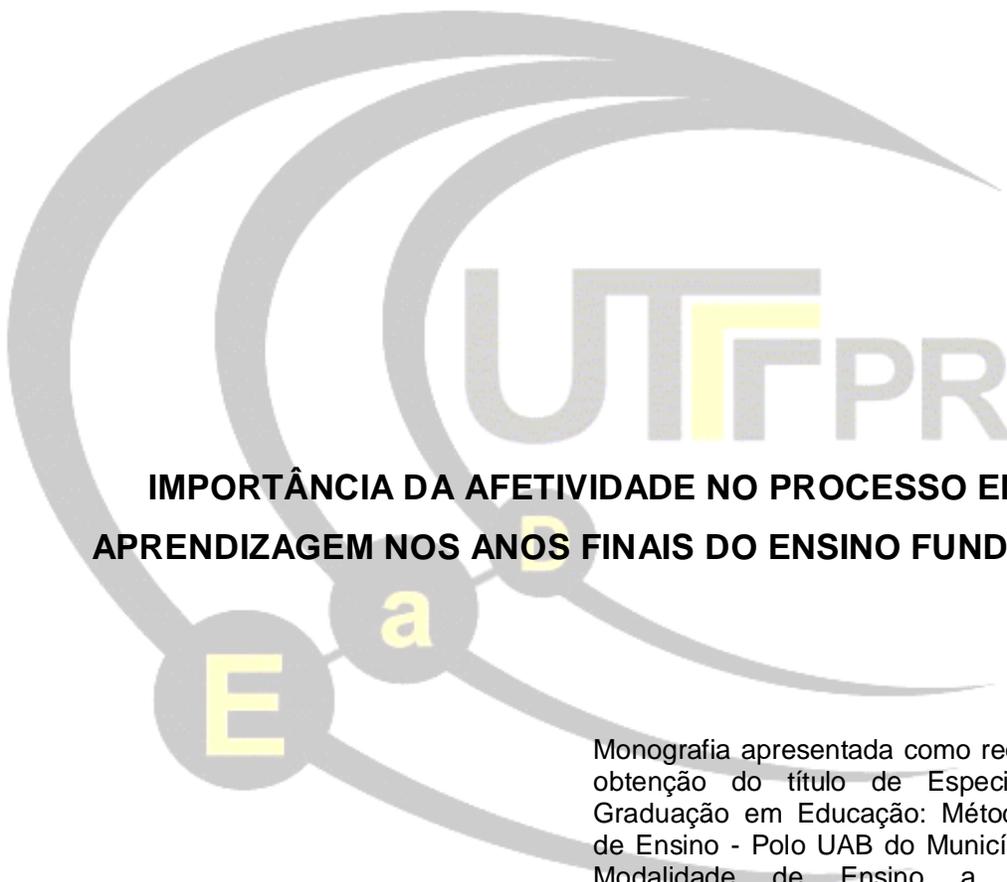
**IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

ELZITA DE MORAES BERARDI



**IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof. Andriele de Prá Carvalho

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Por

Elzita de Moraes Beraldi

Esta monografia foi apresentada às 09:50 h do dia **14 de dezembro de 2013** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado.

Prof^a. Andriele de Prá Carvalho
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof^a. Rogério Eduardo Cunha de Oliveira
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^o. Ricardo dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Janete Santa Maria Ribeiro
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.

Primeiramente a Deus, e a toda a minha família que contribuíram e sempre me fortaleceram com palavras de apoio e motivação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força, para terminar mais um projeto, a minha família que especialmente importante em minha vida.

Agradeço aos amigos que me ajudaram a enfrentar as dificuldades que encontrei ao longo do caminho. Em especial à Prof. Andriele de Prá Carvalho, pela atenção e dedicação sem as quais este trabalho não teria se efetivado. Por fim e não menos importante agradece todas as crianças que participaram deste projeto, que com seus sorrisos, fizeram valer a pena cada dia de trabalho.

“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá”. (1 Coríntios 13:4-10)

RESUMO

BERALDI, Elzita de Moraes. Importância da Afetividade no Processo de Ensino Aprendizagem dos Anos Finais do Ensino Fundamental. 2013.41 folhas. Monografia (Especialização de Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

A pesquisa em questão teve o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental. A presente investigação foi desenvolvida através de uma pesquisa bibliográfica, mediante análise sistemática de livros, sites da internet, tendo como base autores como Cunha (2008), Freire (2004), Libâneo (1991), Oliveira (2001) Piaget (1975), Saltini (2008), Vygotsky (1998), entre outros. Os dados analisados nos permitem constatar que o uso da afetividade como instrumento melhora e proporciona qualidade na aprendizagem, trazendo retornos positivos na aquisição de conhecimentos dos conteúdos e na formação do aluno para a vida, sabendo articular respeito, amor e carinho em uma interação com as demais pessoas buscando assim um mundo melhor. O objetivo do estudo foi relatar o desenvolvimento da criança através da relação afetiva como influência positiva, que pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino. Aprendizagem. Ensino Fundamental

ABSTRACT

BERALDI, Elzita de Moraes. Importance of Affection in Teaching Learning Process of the Final Years of elementary school. 2013.41 folhas. Monografia (Especialização de Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

The research project aimed to increase knowledge of the importance of affectivity in the teaching-learning process in the final years of primary school . This research was developed through a literature search through systematic analysis of books , web sites , based on authors like Cunha (2008) , Freire (2004) , Libâneo (1991) , Oliveira (2002) Piaget (1975) , Saltini (2008) , Vygostky (1998) , among others. The data analyzed allow us to state that the use of affect as a tool and provides better quality in learning , bringing positive returns in acquiring knowledge of the content and the student's education for life , knowing articulate respect, love and affection in an interaction with the others just seeking a better world . The aim of the study was to report the child's development through affective relationship as positive influence , which can facilitate the process of teaching and learning.

Keywords: Affection . Education. Learning . Elementary Education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	12
2.1. TIPO DE PESQUISA.....	12
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	14
3.1 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM.....	14
3.2 RELAÇÃO DA AFETIVIDADE COM A COGNIÇÃO.....	19
3.3 AFETIVIDADE PARA A SOCIALIZAÇÃO.....	23
3.4 A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE PARA A SOCIALIZAÇÃO.....	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O objeto do estudo é a transição do 5º ano do Ensino Fundamental das séries iniciais para o 6º ano das séries finais numa tentativa de responder as causas de transtornos para os alunos nesse período de transição? Em que aspectos a relação afetiva pode contribuir nessa humanização do ensino pode facilitar essa transição? A importância de pesquisar tal temática devido aos problemas que os alunos apresentam nos anos finais do ensino fundamental? Freire (2004, p.105) relata que “o fundamental no aprendizado do conteúdo é a construção da responsabilidade da liberdade que se assume”.

Esse estudo tem como objetivo compreender a valorização da vida humana, também analisa a importância que as pessoas dão às ações no meio onde vivem.

Tais questões norteiam o projeto de pesquisa, uma vez que se observa na prática escolar a dificuldade de adaptação e aprendizagem do alunado no 6º ano devido a essa transição e vê-se a necessidade de ter-se um olhar diferenciado numa tentativa de humanizar o ensino que durante a escolarização da criança haverá várias interações nas quais a afetividade está presente, sendo o professor fundamental para a aprendizagem dos alunos.

Este trabalho fundamenta-se em apresentar as contribuições da relação afetiva para o processo de aprendizagem, compreendendo como acontece a relação afetiva entre professor e aluno, no final dos anos iniciais do ensino fundamental.

Objetiva-se em buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas referência sobre a afetividade no processo de aprendizagem, elencando pesquisas contemporâneas que refletiram sobre as contribuições entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1. Tipo de pesquisa

Esta é uma pesquisa bibliográfica, pois visou explorar um conjunto de referências que tratam sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental, para promover o desempenho escolar, cognitivo e afetivo dos alunos, e melhor assimilação do conhecimento científico. Para tanto, a metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, por se tratar da análise de fontes documentais secundárias como livros, sites da internet, cuja base foi o referencial teórico que contemplou discussões sobre o tema em questão, e valeu de teóricos que trabalham com as questões referentes à afetividade no processo de aprendizagem buscando obter informações que contribuíssem para a resolução dos problemas aqui apresentados.

Durante a escolarização do aluno pressupõe-se que haverá várias interações, nas quais a afetividade está presente. A escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consequência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade. Por meio da pesquisa pode-se constatar que para o desempenho educacional, uma vez que os alunos deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.107-108) retratam a importância de o ensino fundamental trabalhar para assegurar a formação do indivíduo, contemplando os temas morais, o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade, fazendo com que o aluno seja capaz de respeitar as diferentes formas de expressão e participação, expondo seus pensamentos e opiniões de forma a ser entendido. E também indicam como objetivos gerais do ensino fundamental que é a necessidade de conhecer e valorizar a pluralidade sociocultural, posicionando-se contra qualquer discriminação. Desenvolver o sentimento de confiança sobre as capacidades. A população a que se refere essa pesquisa são os alunos dos anos finais do ensino fundamental da Escola Polivalente de Goioerê e os professores. O

bairro é de médio porte econômico e a escolarização dos pais abrange o ensino fundamental e médio, com algumas exceções, pois alguns, não concluíram a 1ª e 2ª série do ensino fundamental, foi selecionada essa turma por ser uma turma indisciplinada.

Portanto as fontes são denominadas secundárias, já que foram produzidas a partir de análise de um conjunto de autores que se dedicaram a estudar o conceito afetivo e cognitivo no ensino, evidenciando como uma das principais características dos novos arranjos escolar, e por fim a importância dada por esse referencial na promoção conjunta ou da íntima relação entre conhecimento científico, causando uma reflexão no processo de ensino- aprendizagem na escola.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ENSINO

3.1.1 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

As relações existentes entre aprendizagem e desenvolvimento são bastante complexas. A imagem da criança com características diferentes das do adulto vão existir desde sempre. Wadsworth (1993, p. 23) afirma que:

À medida que os aspectos cognitivos se desenvolvem, há um desenvolvimento paralelo da afetividade. Os mecanismos de construção são os mesmos. As crianças assimilam as experiências são esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas. O resultado é o conhecimento. (WADSWORTH, 1993, p.23)

Gouveia (2002) mostra que na sociedade medieval, a criança não era percebida como diferente do adulto, tanto nas suas características afetivas como na sua forma de interpretar o mundo.

Naquela época, a criança ia apropriando do seu universo cultural, acompanhando o trabalho dos adultos participando dos momentos de brincadeiras ou dos saraus, para a transmissão oral de histórias (hoje contos infantis).

Nesse contexto, verifica-se que a formação básica do cidadão, conforme o Art. 32 e respectivos incisos da LDB nº 9394/96: O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Gouveia (2002) também salienta que a “visão de que a criança deveria ocupar lugares diferentes em relação à sociedade adulta instigou a construção de saberes sobre a infância, como as crianças pensavam como compreendiam o mundo, como se relacionavam com outras crianças e com outros adultos”.

Enfim a ciência começou a investigar como a criança se desenvolve. Mas o desenvolvimento intelectual da criança não é uma sequência regular e infalível de acontecimentos. Ela reage também às influências do ambiente, sobretudo no espaço escolar. Sendo assim, Vygotsky (2001, p.143) ressalta que,

Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional nesse alunado. (VYGOTSKY, 2001, p. 143)

Percebe-se na citação acima que a afetividade é uma arma para que se possa desenvolver uma boa relação com os alunos em sala de aula. Em relação Freire (2001, p.90) demonstra que,

A codificação pedagógica, de caráter problemático, implica na decodificação que se realiza dialogicamente entre educador-educando e educando-educador; a publicitária, justamente em virtude da singularidade do seu núcleo “anunciador”, impõe uma só decodificação. (Freire, 2001, p. 90)

Nota-se então na citação realizada por Freire (2001), que o mais importante do que os meios de comunicações (tecnologias) são a práxis em relação ao professor/ aluno, aluno/professor, criando uma junção da técnica com as novas tecnologias para um melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Vygotsky (1984) também demonstra que o papel da linguagem, da comunicação e da instrução no desenvolvimento do conhecimento e da compreensão. Conforme Vygotsky (2003), em psicologia, os afetos se classificam em positivos e negativos. Os afetos positivos estão relacionados a emoções positivas de alta energia, como o entusiasmo e a excitação, e de baixa energia, como a calma e a tranquilidade. Os afetos negativos, por sua vez, estão ligados às emoções negativas, como a ansiedade, a raiva, a culpa e a tristeza. Embora a psicologia tradicional trate cognição e afetividade de modo separado, as emoções e os sentimentos dos alunos não se dissociam no processo ensino-aprendizagem, já que podem favorecer ou não o desenvolvimento cognitivo.

Ele também relata que só se pode compreender adequadamente o pensamento humano quando se compreende a sua base afetiva. O desenvolvimento afetivo depende, dentre outros fatores, da qualidade dos estímulos do ambiente para que satisfaçam as necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina e comunicação, pois é nessas situações que a criança estabelece vínculos com outras pessoas. A relação mãe-bebê é extremamente importante porque é a mãe quem cria as primeiras situações emocionais que influenciarão o desenvolvimento da criança.

O desenvolvimento infantil seria produto da relação da criança com o meio no qual esta inserida, sendo de fundamental importância as intervenções do adulto com as crianças.

A criança se afasta logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las. (ARIÈS, 1981, p.156)

Nota-se que a criança transforma aquilo que aprende de acordo com sua capacidade interna e nata, tornando-se transformadora da aprendizagem criadora, se a oportunidade para o desenvolvimento intelectual lhe for oferecida adequadamente.

O processo para uma aprendizagem eficaz depende de inúmeros fatores dentre os quais, os mais prementes são: o talento do professor, as oportunidades oferecidas pelo ambiente imediato da escola, perspectivas futuras de vida do aluno. Sendo assim Aquino (1996), ressalta que,

Os laços afetivos que constituem a interação Professor-Aluno são necessários à aprendizagem e independem da definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas, tendo como base o coração da interação Professor-Aluno, isto é, os vínculos cotidianos. (AQUINO, 1996. p.50)

Portanto sabe-se que a comunicação é um fator fundamental no entendimento entre as pessoas, em todos os níveis das relações sociais. Freire também salienta que:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 1996, p. 146).

Observa-se nesta citação que o autor relata aonde as relações humanas vem sendo um tanto deixada de lado, fica estabelecida apenas como mero cumprimento de cronogramas e afazeres. Sem se dar conta, a escola se limita a aprendizagem, sem dar importância da afetividade entre os alunos, aplicando somente os conteúdos específicos, não dando a devida importância às relações humanas como forma de enriquecimento no processo de ensino-aprendizagem. Freitas (2008, p.21) também fala sobre a relação professor aluno:

Ao professor, cabe a responsabilidade inicial de, como ponte, fomentar os seus sonhos e de seus alunos, incentivando-os com seus exemplos e ações. Ao aluno cabe a ousadia de trazer seus sonhos e de não aceitar nada menos do que ser tratado como homem – sujeito – nessa relação; a “rebeldia” de não aceitar nada preestabelecido, mas negociando na parceria as estranhezas. Aos dois, cabe a “loucura” de se permitirem a relação com tudo que é peculiar de suas diversidades. (FREITAS, 2008, p. 21).

Portanto Freire (2008, p.21) relata que, a aprendizagem é um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e intelectual, organizados e orientados no processo de ensino aprendido. A consolidação do conhecimento depende dos significados que eles carregam em relação à experiência social do jovem e dos adultos na família e no meio social. Em qualquer circunstância o caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação e muitas vezes, estão fechadas às possibilidades acadêmicas, considerando o nível de dispersão, conflitos familiares, pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais adequado e eficiente.

De fato a afetividade é uma importante ferramenta para o professor ter um bom rendimento com os alunos em sala de aula, provocando nas crianças um interesse maior no conhecimento e tornando-se com o passar do tempo mais participativo. Sendo assim, Cunha (2008, p. 63) relata que,

O modelo de educação que funciona é aquele que começa pela necessidade de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Ademais, a prática pedagógica para afetar o aprendente deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor. (CUNHA, 2008, p.63)

Verifica-se que a prática de ensinar não deve ser encarada como algo imposto ou tão somente transferência de conhecimentos, mas sim como uma experiência bastante proveitosa em que a criança aprende e ao mesmo tempo se diverte. Segundo Saltini (2008, p63),

Professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, e busca compreender o mundo que a cerca, bem como o que ele faz ali na escola. (SALTINI, 2008, p.63)

Pode-se dizer em relação à citação acima, que a prática da pedagogia afetiva, é necessária para se permitir ao professor conhecer o seu aluno bem como suas particularidades.

O professor tem um importante papel no processo de ensino aprendizagem dos alunos, exercendo uma carga de responsabilidade na evolução dos alunos, tendo também que criar um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo, moral e afetivo dos alunos.

“o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”. (FREIRE, 1996, P.96)

Freire (1996) ressalta que o afeto do professor manifesta-se no compromisso com o aluno, no cumprimento ético do seu dever e no exercício da sua autoridade. Segundo ele, o afeto traz alegria à atividade do professor e essa alegria não pode ser desvinculada da seriedade do professor.

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto. (FREIRE, 1996, p.160).

Nota-se nesta citação que as atividades docentes da escola não trabalham apenas com o desenvolvimento intelectual do aluno, mas trabalha também o emocional, através da alegria, entusiasmo e desejo que o educador e a equipe pedagógica exercem em desejar transformar e mudar seu educando.

Sendo assim o professor é capaz de reconhecer que a ação do aluno não é isolada, mas está apoiada na ação dele. Deve ser capaz de utilizar os resultados obtidos pelos alunos a fim de avaliar o próprio trabalho, ou seja, o professor deve ser capaz de analisar, refletir sobre os seus atos a todo o momento, procurando mudanças significativas no seu agir. De acordo com Cunha (2008, p. 67).

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, e a vivência que amamos é que a nossa qualidade de vida por esta razão todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes. (CUNHA, 2008, p.67)

Percebe-se então que na utilização da afetividade no processo de avaliação, a mesma é considerada componente importante, aliado às técnicas empregadas para a avaliação mediadora. Isso quer dizer que é importante que o professor não se referencie apenas nas notas de provas, testes e exames para avaliar o aluno.

3.2 RELAÇÃO DA AFETIVIDADE COM O COGNITIVO

A afetividade é um termo que deriva da palavra afetivo e afeto que significa afeição (vinda de afeto). Em latim se pronuncia *afecção*, ***afficere ad actio*** onde o sujeito se fixa, onde o sujeito se liga. É representado por um apego a alguém ou a alguma coisa, gerando carinho, saudade (quando distantes), confiança e intimidade, o termo perfeito para amor entre duas pessoas. Designa a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos. Segundo Ferreira (1999, p. 62) a afetividade é,

“sentimento de amizade”, “afeiçoado”, “carinho”, “afabilidade”. Assim, quando se pensa em “afeição”, vêm naturalmente à mente imagens relacionadas a cuidado, acolhimento, aceitação, afago. Para ser afeto, precisa afetar, tocar, contactar aquele que estava “sujeito a”, produzindo uma mudança de estado. Assim, o afeto é uma emoção que logo avistamos, porque se materializa e, desta forma, se comunica, se avista. (FERREIRA, 1999, p. 62)

Nota-se que a afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do indivíduo, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo. Contudo, Davis e Oliveira (1994) afirmam que:

O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando se sentem seguras, aprendem com mais facilidades. (DAVIS E OLIVEIRA, 1994, p.84).

Pode-se observar então que no ambiente escolar o olhar do professor para o seu aluno é fundamental para a formação e o sucesso do ensino-aprendizado. No entanto isto inclui dar credibilidade as suas opiniões, valorizar sugestões, observar o

comportamento, acompanhar seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional e demonstrar acessibilidade.

Portanto Almeida (1999) observou que as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas.

A afetividade potencia o indivíduo a revelar os seus sentimentos em relação a outras pessoas, animais e objetos. É por causa da afetividade, que as pessoas conseguem criar laços de afeto entre elas e até mesmo com animais, isto ocorre porque os animais irracionais também são capazes de demonstra afetividade uns com os outros e com os seres humanos. Wallon (1992, p. 90) relata que,

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. [...] Isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa. (WALLON, 1992, p.90)

Verifica-se que as relações e laços criados pela afetividade não são baseados somente em sentimentos, mas também em atitudes. Isso significa que em um relacionamento, existem várias atitudes que precisam ser cultivadas, para que o relacionamento prospere.

José de Paiva Netto (2009 apud MANUAL DA LBV, 2011, p. 11) abordou em sua proposta pedagógica a importância de utilizar as duas terminologias, a cognitiva e afetiva que foram direcionadas a faixas etárias distintas em sua análise e que compõe a Pedagogia da Boa Vontade.

“justifica-se pelo conduzir da construção do conhecimento intelectual aliado aos valores e sentimentos, mediante as necessidades, anseios e possibilidades peculiares, com cuidados específicos dedicados a cada faixa etária.” (PAIVA NETTO, 2009 apud MANUAL DA LBV, 2011, p. 11).

Pode-se nota na citação acima de Paiva, que para existir a interação social na vida do ser humano é necessária a construção cognitiva e a formação afetiva. Sem isso, a civilização não existiria, logo, pensar uma educação que valorize as interações sociais é priorizar anseios do coletivo.

Damásio (1996) considera em seus estudos com a neuropsicologia, a razão, a emoção, a mente e o cérebro. E através desses estudos em pacientes com lesão cerebral tem-se compreendido a dimensão biológica das emoções e como ela interfere no processo racional do ser humano. Um dos casos mais conhecidos, o de

Phineas Gage, demonstrou uma provável área de interseção entre a razão e a emoção na parte central do cérebro. Depois do acidente que lesionou essa região, Gage não conseguiu mais se relacionar socialmente de forma adequada, apesar de toda sua estrutura cognitiva ter sido preservada. Portanto Damásio (1996, p. 195-196) afirma que:

[...] é importante percebermos que a definição concreta de emoção e sentimento em termos cognitivos e neurais não diminui sua beleza ou horror, ou seu estatuto na poesia ou na música. Compreender comoveu ou falou não desvaloriza o que é visto ou falado. Compreender os mecanismos biológicos subjacentes às emoções e aos sentimentos é perfeitamente compatível com uma visão romântica do seu valor para os seres humanos. (DAMÁSIO, 1996, p.195/196)

Nota-se que Vygotsky compartilha juntamente com os teóricos Jean Piaget e Henry Wallon, da ideia de que a emoção e a razão estão totalmente ligadas umas com as outras.

Para Vygotsky só é possível ter uma compreensão completa do pensamento humano quando se compreende sua base afetiva, ou seja, as razões que impulsionam os pensamentos encontram suas origens nas emoções que as constroem.

Segundo o autor da citação acima também defende as íntimas relações que existem entre o ambiente sócio-histórico-cultural e os processos afetivos e cognitivos, afirmando que ambos se influenciam e estão inter-relacionados. Com tudo Vygotsky (1998, p.73) afirma que:

O homem não é um ser pré-concebido, pronto, acabado, mas constrói-se na e com a cultura, na relação com o outro, num processo histórico e em suas experiências individuais neste contexto. Existe sim, uma máquina biológica, mas esta não determina onipotente o desenvolvimento e difere-se sensivelmente dos demais organismos animais por apresentar muito menos comportamentos típicos da espécie (humana) do que de outras. (VYGOTSKY, 1998, p. 73)

Nesta perspectiva, observa-se que a afetividade é a motivação que impulsiona o indivíduo a seguir em frente, ela constitui o fator energético do comportamento humano e não pode ser separada das funções cognitivas.

Piaget, no entanto desenvolveu estudos científicos em diversos campos como a psicologia do desenvolvimento, epistemologia genética e a teoria cognitiva. E ressalta que:

O indivíduo tende a um equilíbrio, que está relacionado a um comportamento adaptativo em relação à natureza, que por sua vez sugere um sujeito de características biológicas inegáveis, as quais são fonte de construção da inteligência. O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico: com este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio (PIAGET, 1974, p.13).

Portanto esse desenvolvimento apesar de contínuo é caracterizado por determinadas formas de pensar e agir em diferentes idades, formas que o autor denominou estágios e refletem os diferentes modos de a criança pensar ao longo de sua vida. De acordo com a teoria de Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual possui dois componentes que são o cognitivo e o afetivo. Piaget (1980, p. 103) nos diz:

[...] a afetividade constitui a energética das condutas, cujo aspecto cognitivo se refere apenas às estruturas. Não existe, portanto, nenhuma conduta, por mais intelectual que seja que não comportem, na qualidade de móveis, fatores afetivos; mas, reciprocamente, não poderia haver estados afetivos sem a intervenção de percepções ou compreensão, que constituem a estrutura cognitiva. A conduta é, portanto, uma, mesmo que, reciprocamente, esta não tome aquela sem consideração: os dois aspectos afetivo e cognitivo são, ao mesmo tempo, inseparáveis e irreduzíveis. (PIAGET, 1980, p. 103)

Observa-se que tanto a função cognitiva tanto a afetiva se dá paralelamente e é de fundamental importância o cuidado com o aspecto afetivo no processo de ensino-aprendizagem, pois ela é a dimensão que representa a dificuldade na tomada de consciência do eu e do outro.

Segundo Bringuier (1977):

“para que a inteligência funcione, é preciso um motor que é o afetivo. Jamais se procurará resolver um problema se ele não lhe interessa. O interesse, a motivação afetiva é o móvel de tudo” (BRINGUIER, 1977, p. 71-72).

Perante a citação acima Bringuier relata que o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo.

Já Henri Wallon (1995) aponta para dois fatores que constitui condições para cada estágio que são os fatores orgânicos e sociais, afirmando que,

“as emoções, tendem (...) a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e os que o cercam” (WALLON, 1995, p. 262).

O autor defende que as emoções assumem um caráter de comunicação entre a criança e o outro, sendo vista como o meio de sobrevivência típico da espécie humana.

Os autores Wallon e Vygotsky consideram fundamentalmente o aspecto sócio-histórico-cultural na formação do homem enquanto tal, tendo uma abordagem de desenvolvimento, cada um à sua maneira, mostrando que as manifestações emocionais possuem um caráter orgânico, ganhando complexidade na atuação sobre universo do simbólico.

Segundo Oliveira (2002), costuma-se distinguir entre as funções cognitivas e as afetivas e/ou emotivas, sendo estas últimas frequentemente identificadas com a motivação e também com os aspectos conativos ou volitivos do sujeito. As funções cognitivas e ou intelectuais abrangem aspectos muito diversos, como a percepção, a aprendizagem, o conhecimento, o pensamento, o conceito, o juízo, o raciocínio, a solução de um problema etc., enfim, tudo o que se relaciona com a aquisição e processamento de informação.

3.3 AFETIVIDADE PARA A SOCIALIZAÇÃO

Como todo relacionamento, a relação entre professor e aluno também precisa fundamentar na afetividade e desejar vivenciar essa realidade no cotidiano escolar. Para que exista bom relacionamento interpessoal é necessário haver afetividade, pois a mesma contribui de forma significativa para que ambas as partes sintam prazer em querer relacionar. Segundo Cunha (2008, p. 80)

A professora ou o professor é o guardião do seu ambiente. A começar pelos seus movimentos em sala, que devem ser adequados e gentis. A postura, o andar, o falar são observados pelos alunos que vê como modelo. Independentemente da idade, da pré-escola à universidade, o professor será sempre observado. Então um bom ambiente na prática do ensino começa por ele que canalizará a atenção do aprendente e despertará o interesse em aprender. (CUNHA, 2008, p.80)

De acordo como autor em questão, o professor é o protagonista de uma cena que é vivida pelos alunos na sua rotina escola, a qual demonstra ser o professor o centro das atenções dos seus alunos, a postura o andar, o estilo, a

personalidade são atentamente observados isso pode provocar uma reação positiva ou negativa por parte do aluno, dificultando ou facilitando seu aprendizado.

Libâneo (1997, p. 87) enfatiza que,

A aprendizagem escolar é afetada por fatores afetivos e sociais, tais como os que suscitam a motivação para o estudo, os que afetam a relação professor- aluno, os que interferem nas disposições emocionais dos alunos para enfrentar as tarefas escolares, os que contribuem e dificultam a formação de atitudes positivas dos alunos frente aos problemas e situações da realidade e do processo de ensino e aprendizagem. (LIBÂNEO, 1997, p.87)

Nota-se na citação a cima que, a dificuldade do processo de aprendizagem desenvolvido no ambiente escolar, tem vários fatores que influenciam, sobretudo àqueles que por algum motivo tiveram o seu percurso de escolarização interrompido ou não tenham seguido o seu fluxo, deve ser levado em consideração no desenvolvimento da prática pedagógica pelo educador em seus processos didáticos em sala de aula. Segundo a afirmação de Gudsdorf (1987):

Cada nova turma de aluno com que passa a atuar certa equipe de professores exige deles que se integrem num processo vivo e original de construção de conceitos, sempre ligado às experiências de que, em comum, participam. (GUDSDORF, 1987. PP.140-141)

Pode-se notar que a citação retrata, que o papel do educador no contexto escolar não é apenas ensinar conteúdos estipulado nas grades curriculares, mas também fazer dos alunos, seres humanos capazes de conhecer e formar uma visão do mundo, transmitindo um aprendizado para que sejam capazes de pensar o certo.

Portanto a postura do educador deve influenciar de forma positiva entrelaçando pontos fortes que despertem no aluno o desejo de aprender, de querer adquirir valores e virtude transformando-se em um cidadão crítico consciente e que saiba exercer de forma participativa a sua cidadania.

Segundo La Taille (1992):

O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetivos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está ao seu serviço (LA TAILLE, 1992, p.65).

Observa-se no trecho acima que a afetividade é uma das bases do funcionamento psíquico e do desenvolvimento cognitivo, as construções intelectuais são auxiliadas pelos aspectos afetivos.

Em relação ao ponto de vista moral e racional de Piaget, “o professor deve ser um colaborador e não um mestre autoritário”.

Verifica-se na demonstração do pensamento de Piaget, que o “professor deve estar antes de tudo, comprometido com a educação, com o conhecimento, de forma a contribuir com a formação da pessoa, do desenvolvimento da sua personalidade”.

Deve-se ressaltar que ensinar é muito mais que transmitir algum tipo de conhecimento e não pode se disser que seja somente fazer com que outra pessoa que aprenda, pois o conhecimento é transmitido e adquirido com afetividade e pode ser conquistado em todos os ambientes e em todas as situações ao longo da vida do indivíduo. Para Libâneo (1995),

A educação é um conjunto de relações, fatores, influências sobre o ser humano, destinados a prepará-los para a vida num determinado meio social. Numa definição mais completa, a Educação constitui-se do conjunto dos processos de desenvolvimento integral dos indivíduos que ocorrem como mediação na relação ativa do homem com a realidade natural e social. (LIBANEO, 1995,p.10).

Nota-se que a educação acontece em vários lugares, e em várias situações como as manifestações sociais, culturais, e familiares, mas é no ambiente escolar que os conhecimentos são planejados, sistematizados pela coordenação pedagógica, direção e pelos professores. A família tem também uma responsabilidade na construção da proposta pedagógica da escola, pois, como enfatiza Libâneo (1995) a educação se caracteriza com o propósito da formação plena do ser humano. Desta forma, Arantes (2002), afirma que:

Acreditamos poder avançar as discussões que apontam para a articulação das relações intrínsecas entre cognição e afetividade, no campo da educação, se incorporarmos no cotidiano de nossas escolas o estudo sistematizado dos afetos e sentimentos, encarados como objetos de conhecimento. Defendemos a ideia de que tais conteúdos relacionados à vida pessoal e à vida privada das pessoas podem ser introduzidos no trabalho educativo (...). (ARANTES, 2002, p.170-171).

Observa-se na citação acima que o autor Arantes, expõe sua preocupação com o desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno no ambiente escolar.

Percebe-se que a uma relação que se estabelece na sala de aula, o professor ao ensinar, exerce significativa influência sobre o aluno que aprende, levando-o a alterar, modificar e transformar atitudes, ideias habilidades e

comportamentos. Sua atuação ultrapassa, no entanto, a simples transmissão de conhecimentos. Sendo assim, Freire (1996, p.68) ressalta que,

Outro saber fundamental á experiência educativa é o que diz respeito à por natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho. (FREIRE, 1996, p.68).

Saltini (2008, p.93) com isso, mostra que além de compreender o conhecimento que se transmite ao aluno, e tanto o afeto como a leis das regras, caminham juntas para construir os valores e a aprendizagem dos alunos, e esse trabalho realizado pelo professor não ocorre de qualquer maneira precisa de responsabilidade e respeito em sala.

Saltini também ressalta que é o professor que prepara o aluno para o futuro, através da interação e socialização afetiva que ocorre nas atividades realizadas como ao estimular os alunos a buscarem sua própria verdade, e construírem seu pensamento.

Pedagogia afetiva, esta é a práxis que como educadores precisamos exercer já que os sentimentos e emoções do aluno precisam ser levados em conta, pois, podem favorecer ou desfavorecer o desenvolvimento cognitivo.

3.4 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM

A afetividade não modifica a estrutura no funcionamento da inteligência, porém, poderá acelerar ou retardar o desenvolvimento dos indivíduos, podendo até interferir no funcionamento das estruturas da inteligência.

Libâneo (1990) demonstra que os métodos de ensino consistem nos procedimentos e técnicas necessárias que assegurem a transmissão de informações. O método procura atender aos princípios da individualização, respeitando o ritmo próprio de cada aluno. Método é, portanto um modo de pensar e de agir sobre uma realidade, o mesmo possibilita diferentes formas de organização do trabalho escolar para se alcançar os objetivos do ensino e as finalidades da educação. Já para Marques (1988) afirma que,

A aprendizagem realiza-se nas relações face a face, ou melhor, ouvido a ouvido de aluno e professor posta á escuta das vozes que os interpelam. Ao educando cabe a palavra da realidade nova interpelante; ao educador, a palavra alicerçada na experiência de vida, na capacidade de discernimento, no compromisso com a busca do saber, com a precisão; cabe também a disciplina do estudo, com a interpelação ética da vontade coletiva, na fidelidade ao projeto da emancipação humana. (Marques 1988, PP.160-165).

Observa-se nesta citação que o ambiente da sala de aula proporciona um clima psicossocial desenvolvendo uma relação de harmonia, acontecendo à descontração na aprendizagem o aluno vai entender melhor o conteúdo ensinado pelo professor, tirando assim suas dúvidas sem dificuldades na relação, havendo meios e expectativas na construção de um novo saber, em que o professor e os alunos participarão de uma verdadeira comunicação.

Verifica-se em relação à citação de Libâneo que o processo de ensino aprendizagem só pode analisado como uma unidade. O ensino/aprendizagem são faces de uma mesma moeda, nessa unidade, a relação professor/aluno é um fator determinante para aprendizagem do aluno. Para tornar esse processo mais produtivo e prazeroso o professor deverá orientar, propiciar e testar atividades adequadas aos alunos inseridos em sala de aula. O professor deverá planejar atividades que promovam entrosamentos mais produtivos entre as atividades aplicadas.

De acordo com os pensamentos de Gadotti (1994) a interação entre professor e aluno não pode ficar apenas nas aulas repletas de conteúdos, pois não desperte o interesse da criança. Na verdade a pedagogia que apenas transmite o conhecimento facilita o trabalho do professor que pode estabelecer o conteúdo a ser transmitido, porém a construção do saber da criança não pode ser desenvolvida sem riscos e desafios.

Partindo da teoria de Wallon (2003), o desenvolvimento do sujeito se faz a partir da interação com grandes variedades de fatores ambientais. O foco da teoria é uma relação complementar entre os fatores orgânicos e socioculturais.

A educação deve ter como objetivo primordial desenvolver a capacidade de pensar e ver o universo do aluno, desta forma ele cresce como individuo e pode mudar a sociedade.

É preciso ensinar os alunos a pensar, e é impossível aprender a pensar num regime autoritário. Pensar é procurar por si próprio, é criticar livremente e é demonstrar de forma autônoma. O pensamento supõe então o jogo livre

das funções intelectuais e não o trabalho sob pressão e a repetição verbal. (PIAGET, 1977, p. 118)

A aprendizagem é o processo através do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece, e para que o sujeito o aprenda necessitará interagir com outros seres humanos, especialmente com os adultos, e com outras crianças mais maduras. Em geral o adulto ou outra criança fornece ajuda direta à criança, orientando-a e mostrando-lhe como proceder através de gestos e instruções verbais em situações interativas. Na interação professor/aluno gradativamente a fala social trazida pelo professor vai sendo internalizada pelo aluno e o seu comportamento passa a ser então, orientado por uma fala interna que planeja sua ação. O papel do professor nesse processo é fundamental, ele procura estruturar condições para ocorrência de interações professor/aluno e objeto de estudo que leve a apropriação do conhecimento. Freire (1996, p.96) fala que,

É preciso e até urgente que a escola vá se tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não, por favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo o direito de quem diverge de exprimir a sua contrariedade. O gosto da pergunta, da crítica, do debate. O gosto do respeito à coisa pública, que entre nós vem sendo tratada como coisa privada, mas como coisa privada que se despreza.

Pode-se compreender então na citação a cima que o professor tem a obrigação de se preocupar se todos os alunos estão envolvidos na proposta pedagógica explanada por ele e pela escola em conjunto com a equipe pedagógica.

O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o microuniverso onde as crianças buscam e se interessam. A postura desse profissional se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças que em cada idade diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo. (SALTINI, 2002, p. 87)

Nota-se que o professor precisa ter amor ternura em seus ensinamentos, para que desperte no aluno o interesse de conhecer o desconhecido e que adquira paixão no aprender, por isso o afeto precisa ser compartilhado. Esse sentimento de afetividades entre as pessoas é de suma importância, do que qualquer outra coisa e é através do amor que muitos problemas podem ser solucionados e se pode construir um futuro melhor.

Wallon (2003) faz uma demonstração de um paralelo a esses fatores, podendo-se verificar como a criança chega ao adulto/professor, do ponto de vista afetivo:

No primeiro estágio (0 a 1 ano), impulsivo/emocional, a criança expressa sua afetividade através de movimentos desordenados, respondendo às sensibilidades corporais, o processo ensino/aprendizagem exige respostas corporais, contatos físicos, daí a importância de se ligar ao professor.

No segundo estágio (1 a 3 anos), sensorio/motor, quando já dispõe da fala, a criança está voltada para o mundo externo e para um contato interno com os objetos e há a indagação insistente do que são e como funcionam.

No terceiro estágio (3 a 6 anos) há personalismo entre a criança e o outro. É a fase de se descobrir diferente das outras crianças e adultos.

No quarto estágio (6 a 11 anos), categorial, ela tem compreensão mais nítida de si mesma. A aprendizagem se faz predominantemente pela descoberta de diferenças e semelhanças entre objetos imagens e ideias.

No quinto estágio (11 anos em diante), há exploração de si mesmo na busca de uma identidade autônoma, mediante atividade de confronto, autoafirmação e questionamentos. Neste estágio, o recurso principal de aprendizagem, do ponto de vista afetivo, volta a ser a oposição, que vai aprofundando e possibilitando a identificação das diferenças entre ideias, sentimentos e valores próprios.

Sendo assim, Wallon (2007, p.198) relata que:

Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198)

Portanto na citação acima se pode reconhecer que a importância dos fatores emocionais e afetivos na aprendizagem, o objetivo da ação escolar não é resolver dificuldades nesta área e sim, propiciar a aquisição e reformulação dos conhecimentos elaborados por uma dada sociedade. Ainda que atenta aos aspectos emocionais, não é função da escola promover ajustamento afetivo, saúde mental ou mesmo a felicidade. Na verdade cabe à escola esforçar-se por propiciar um ambiente estável e seguro, onde os alunos sintam-se bem, pois nestas condições as atividades aplicadas são facilitadas. Oliveira (2002, p.192) afirma que,

A criança, desde cedo, reconhece o espaço físico ou atribui-lhes significações, avaliando intenções e valores que pensam ser-lhes próprios. Daí a importância de organizar os múltiplos espaços de modo que estimulem a exploração de interesses, rompendo com a mesmice e o imobilismo de certas propostas de trabalho de muitas instituições de educação infantil. O que importa verificar não são as qualidades ou os aspectos de ambiente, mas como eles são refratados pelo prisma da experiência emocional da criança e atua como recursos que ela emprega para agir, explorar, significar e desenvolver-se. (OLIVEIRA, 2002, p. 192)

Percebe-se na citação a cima que existem vários outros aspectos que deve ser valorizado e que é fundamental para a construção do conhecimento é a relação interpessoal.

Convém ressaltar que a afetividade e a inteligência se estruturam nas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como energia necessária para que a estrutura cognitiva possa operar. Tanto a inteligência como a afetividade são mecanismos de adaptação permitindo ao indivíduo construir noções sobre os objetos, as pessoas e situações diversas, conferindo-lhes atributos, qualidades e valores. Assim, contribuem para a construção do próprio sujeito, sua identidade e sua visão de mundo.

Wallon (1975) em sua teoria fez a distinção entre emoção e afetividade: afetividade é um conceito amplo, que inclui um componente orgânico, corporal, motor, plástico (emoção), um componente cognitivo, representacional (sentimentos) e um componente expressivo (comunicação).

Autores como Piaget, Wallon e Vygotsky reafirmam a influência do meio escolar na construção da individualidade da criança ou no desenvolvimento de toda a personalidade.

Tais interações podem resultar para a criança sentimentos como de competência ou de frustração, inferioridade, fracasso e incompetência. Nas relações sociais que se estabelecem na escola, cabe ao professor um papel de destaque. O professor que acredita no potencial de seu aluno dispensa-lhe maior atenção, demandando maior expectativa acadêmica. O professor que tem comportamento contrário poderá promover em seu aluno, baixa expectativa, o que poderá influenciar negativamente seu autoconceito e autoestima.

Para Oliveira (2006, p. 47), "o desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seu meio, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece ligações afetivas e emocionais".

O autor acima afirma também que,

Uma pessoa com dificuldades emocionais pode apresentar, por exemplo, olhos semicerrados, isto é, para evitar olhar nos olhos dos interlocutores quando se sente ameaçada e outras mensagens como lábios muito contraídos, tronco curvo, diminuição da qualidade do gesto, movimentos inseguros, grande tensão muscular que se verifica no pescoço, nas mãos e nas posturas rígidas. (OLIVEIRA, 2006, p. 78)

Verifica-se que contrariamente, quando uma pessoa esta em harmonia com o ambiente, expressa por meio de seu corpo, sentimentos de alegria, de autovalorização, de sucesso, de confiança em si mesmo e no mundo e consegue interagir com o outro, com a sociedade, com a cultura. Suas atitudes se tornam mais descontraídas, com sorriso fácil, olhar direto, ventre sem bloqueios, adequada tensão muscular nos braços e mãos, revelando qualidade do gesto.

Oliveira (2006) ressaltou que alguns sinais emocionais são muito evidentes e alguns desses sentimentos transmitidos pelas crianças podem prejudicar a aprendizagem. São estes: A raiva, a agressividade, o medo, a timidez excessiva, a ansiedade e a insegurança revelada pela baixa autoestima.

Cury (2003) ressalta que “os professores precisam deixar de serem bons e se tornarem fascinantes para que suas aulas e conteúdos façam sentido e possam ser assimilados por seus alunos”.

Para Freire (1996) "... quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado", confirmando a necessidade de uma educação global, visando o completo desenvolvimento do indivíduo e a compreensão do docente de que o processo de ensino e aprendizagem não está centrado no conhecimento do professor, mas que deve ser construído e produzido a partir da interação deste com o educando.

A criança traz para o ambiente escolar toda a carga afetiva de seu desenvolvimento com seus familiares, os problemas emocionais surgirão nos contatos que se estabelecerá e, as crianças que tenham desenvolvido a inteligência emocional saberão lidar com as frustrações que este ambiente e suas relações lhes proporcionarão. Cabe ao professor e aos profissionais envolvidos nesta relação afetiva propiciar um ambiente estável emocionalmente e de compreensão para que as crianças possam criar um vínculo entre ela o educador, e as demais profissionais da área fazendo assim com que o aluno se desenvolva desenvolver sua capacidade de aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se a realização deste trabalho um condicionamento para compreender, os aspectos importantes da afetividade no processo ensino-aprendizado nos anos finais do ensino fundamental, que contribuem a uma carga afetiva dos vínculos construídos entre educador e educando sustentando o processo de aprendizagem à medida que possibilita a abertura mútua para as novas descobertas através da empatia, total confiança e sentimentos de amizade.

A educação ao longo de sua historia baseou-se no controle e desenvolvimento cognitivo, não dando importância necessária para a questão do desenvolvimento afetivo.

Na prática escolar a dificuldade de adaptação e aprendizagem dos alunos devido à transição do ensino fundamental para o 6º ano é notória, assim a necessidade de ter um olhar diferenciado, pois durante a escolarização haverá várias interações nas quais a afetividade está presente, sendo o professor fundamental para a aprendizagem dos alunos.

A afetividade se manifestada em sala de aula, num sentimento de ternura, carinho, dedicação, formando uma interação entre professor e aluno, facilita a evolução do ensino, visando promover o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança.

Acredita-se que os aspectos afetivos e cognitivos formam um par inseparável na formação do indivíduo. Pode-se ressaltar também que o ensino visa estimular e impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos, pois tem um caráter eminentemente pedagógico, ou seja, o de dar um rumo definido para o processo educacional que se realiza no ambiente escolar.

Através desses estímulos que o professor passa à criança no ambiente escolar, que faz com que a criança construa uma visão de mundo, baseada nos sentimentos, valores e significados que apreende do meio e especificamente na escola.

Vygotsky diz que nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a emoção. Portanto se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento que necessitamos, teremos que nos preocupar com que essas reações deixem vestígio emocional. Uma experiência nesse sentido vivenciada na

escola onde trabalho envolveu um aluno que não queria mais frequentar a escola, foram convocados os responsáveis (mãe e padrasto) onde ficamos inteirados de que o aluno vivia em conflito familiar, vimos seu sofrimento e a sós aconselhamos sobre a necessidade de se frequentar as aulas participando ativamente das atividades. Ao final da conversa nos agradeceu e se propôs a não faltar na escola.

Nota-se que a afetividade é uma arma para que se possa desenvolver uma boa relação com os alunos em sala de aula. Os laços afetivos são necessários para que ocorra a aprendizagem. Percebe-se que quando o aluno gosta do professor ele tem mais facilidade para aprender, sente prazer em estudar. Muitas vezes a escola se limita à aprendizagem sem se dar importância às relações humanas como forma de enriquecimento no processo ensino-aprendizagem. O professor pode provocar o interesse maior no conhecimento se usar a afetividade como ferramenta, pois ela irrompe em lugares que muitas vezes estão fechados por conflitos familiares pessoais e até comportamentos agressivos na escola.

Libâneo diz que é preciso educar o olhar para a observação do aluno com a finalidade de conhecer um pouco mais dele além do que se permite em sala de aula, como observar o comportamento no recreio, se brinca, se socializa com outras crianças, se é tímido ou agitado. Esses traços do comportamento podem revelar aspectos importantes a serem considerados pelo professor.

Bringuier afirma: para que a inteligência funcione é preciso um motor que é o afetivo. O afeto pode ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar, pois quando se sentem seguros aprendem com mais facilidade.

A afetividade tem um papel crucial no processo da aprendizagem porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo. Porém ela não modifica o funcionamento da inteligência, mas pode acelerar ou retardar o desenvolvimento do indivíduo.

Portanto é imprescindível que o professor tenha amor e ternura em seus ensinamentos, despertando no aluno o interesse de conhecer o desconhecido e que adquira paixão no aprender. É através do amor compartilhado que muitos problemas podem ser solucionados resultando num futuro melhor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **O que é afetividade? Reflexões para um conceito.** 2002.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula.** Campinas: Papyrus, 1999.
- AQUINO, J. R. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento.** In. J. R. G. AQUINO (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.* São Paulo: Summus editorial, 1996.
- ARANTES, Valéria Amorim. **A afetividade no Cenário da Educação.** São Paulo: Moderna, 2002.
- ARIÉS P. **História Social da Criança e da Família.** 2ª. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara, 1981.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais:** apresentação dos temas transversais, ética/ Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRINGUIER, J. C. **Conversando com Jean Piaget.** Rio de Janeiro – São Paulo, 1977.
- CUNHA, Antônio Eugenio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica.** Rio de Janeiro. Wak. 2008.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DAVIS, Cláudia e OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação.** São Paulo: Cortez, 1994.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa.** 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1999.
- FREITAS, Nilson Guedes de. **Pedagogia do Amor: caminho da libertação na relação professor-aluno.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. 2001. **Extensão ou Comunicação?** 11ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

GADOTTI, M. **Advertência final - pensamento pedagógico brasileiro: unidade e diversidade**. In: _____. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1994.

GUDSDOR, Georges. **Professores para quê? Para uma pedagogia da Pedagogia**. São Paulo, Martins fontes, 1987.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola – 1990

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. Didática, **Relações Professor-Aluno na Sala de Aula**. Coleção Magistério 1º Grau, Série Formação do Professor do Professor. São Paulo, 1994.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1995.

MARQUES, Mario Osório. **Conhecimento e educação**. Ijuí, Unijuí, 1988.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos**. Brasília, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – primeiro e segundo ciclos**. Brasília, 1997

MARQUES, Mario Osório. **Conhecimento e educação**. Ijuí, Unijuí, 1988.

OLIVEIRA, G. **A Transmissão dos Sinais Emocionais Pelas Crianças**. In: Sisto, F.; Martinelli, S. Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2006. p. 78-80.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PAIVA NETTO, J. **É Urgente Reeducar!** São Paulo: Editora Elevação, 2009.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

_____. **Aprendizagem e Conhecimento**. In.: Aprendizagem e conhecimento. Tradução Equipe da Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

_____. **O Desenvolvimento do Pensamento. Equilibração das Estruturas Cognitivas**. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

SALTINI, C.J.P. **Afetividade Inteligência: a emoção na educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SALTINI, Claudio, JP. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro Wak. 2008.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente. Martins Fontes** – São Paulo, 5ª edição, 1994.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

www.educacaoonline.pro.br Acessado em 19.08.2013

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 2. Ed. – São Paulo: Pioneira, 1992.

WALLON, Henri. **Objetivos e métodos da psicologia**. Lisboa: Estampa. 1975.

_____. **Psicologia e educação da infância**. Rio de Janeiro: Estampa. 1995.

_____. **Ciclo da Aprendizagem**: Revista Escola, ed. 160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2003.

_____. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

_____. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições, 1998.

_____. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.